



ENTRE ABAS E JANELAS: AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA DO LIVRO INFANTIL INTERATIVO

Márcia Tavares

Universidade Federal de Campina Grande

tavares.ufcg@gmail.com

Renata Junqueira de Souza

Universidade Estadual Paulista – Faculdade Julio de Mesquita Filho

recellij@gmail.com

Resumo: A obra infantil contemporânea, em um movimento crescente desde a década de 1970, acumulou várias modificações técnicas, discursos variados e recursos de cortes e formas que resultaram na valorização desse objeto desenvolvido para um leitor na infância. Antes desse momento, era comum o uso das ilustrações com objetivos explicativos de apresentação das narrativas. Nesse esteio se encontram os livros de *pop-up*, ou livros móveis/interativos que se caracterizam por cortes diferentes na montagem das páginas, papel de texturas diversas, partes móveis entre outras características. Ao assumir um espaço de intercâmbio com o leitor, o livro interativo se coloca como um condutor do olhar e da leitura, uma vez que, não apenas direciona, mas, dirige o leitor a realizar o movimento de percorrer a página em busca das informações. Para este artigo desenvolveremos considerações sobre duas versões de *Alice no país das maravilhas* (Lewis Carrol, 1865) uma publicação da Publifolhinha, de 2010 e com adaptação de Robert Sabuda e outra da editora Ciranda Cultural de 2010 com texto adaptado por Harriet Castor e tradução de Fabio Teixeira. Ora com imagens de páginas duplas, sem margens e com profusão de detalhes ao fundo, ora com fundo neutro e cenas em close, além de recortes e abas, a história se estabelece através de jogos de interação na representação dos elementos gráficos que compõem o ritmo narrativo. Podemos dizer que o espaço gráfico e narrativo são usados de forma estratégica e o jogo de significados entre elementos textuais e recursos de produção do livro constroem os sentidos da narrativa. Faremos uma proposta de leitura permeada pelo uso das estratégias de construção de sentido centradas nas conexões, verificaremos quais elementos plásticos estão dispostos no projeto gráfico e na composição do diálogo entre texto e imagem. Para tanto, utilizaremos as discussões de Ramos (2013) sobre imagem e livro infantil, Oliveira (2008) sobre as técnicas para ilustrar obras para crianças, Giroto e Souza (2010) sobre estratégias de leitura e Colomer (2017) acerca do livro de *pop-up* e suas peculiaridades.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Livro Pop-up. Narrativa visual. Estratégias de leitura.



A ilustração do livro infantil: considerações iniciais

A perspectiva sobre o papel da ilustração no livro dividiu várias críticas da produção de Literatura Infantil Brasileira. Para Nelly Novaes Coelho (1993) os chamados livros de imagem, ou de estampa, “embora não sejam ‘literatura infantil’, no sentido tradicional do termo, pertencem tanto ao domínio da arte ‘literária’ como ao da arte ‘pedagógica’”. A autora reforça que no caso da ilustração essa funcionalidade, muitas vezes, suplanta o texto nas fases iniciais da formação do leitor infantil. Lajolo e Zilberman (1991) investigam a produção da ilustração em um percurso crescente e afirmam que nos livros infantis brasileiros contemporâneos o visual está no centro, “e não mais como ilustração e/ou reforço de significados confiados à linguagem verbal”.

Camargo, escritor e ilustrador, em seu livro *Ilustração do livro infantil* (1995) confere, apoiado nas funções da linguagem de Roman Jakobson, oito funções à ilustração: representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalingüística, fática e de pontuação. Muito mais do que apenas ornar ou elucidar o texto, a ilustração pode, assim, representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de enfatizar sua própria configuração, chamar atenção para o seu suporte ou para a linguagem visual. É importante ressaltar que raramente a imagem desempenha uma única função, mas, da mesma forma como ocorre com a linguagem verbal, as funções organizam-se hierarquicamente em relação a uma função dominante. A perspectiva adotada pelo ilustrador é de coerência também no entendimento da relação entre imagem e texto. Não há, segundo o autor, ganho estético quando um dos textos suplanta o outro. A idéia de coerência intersemiótica perpassa a noção de interligação entre as linguagens e assim de construção do diálogo.

Essa perspectiva de diálogo é seguida por Maria Alice Faria, (2004) para a autora “em princípio, a relação entre a imagem e o texto, no livro infantil, pode ser de repetição e/ou de complementaridade, segundo os objetivos do livro e a própria concepção do artista sobre a ilustração do livro infantil”, e considera, citando Durand e Bertrand, (1975) que as funções da imagem no livro ilustrado seriam a de criar/sugerir/complementar o espaço plástico, quanto à descrição e marcar os momentos-chave da ação na narrativa pela duplicação visual.

Dessa forma, a partir dessas perspectivas, se ampliam os sentidos da ilustração, que deixam a acepção limitadora da função de adornar e esclarecer o texto escrito para integrar as formas de leituras da escrita e da imagem visual.



Nesse sentido, percebemos o conceito de ilustração como uma linguagem de construção independente, mas que estabelece uma relação com o texto, por vezes, mais plurissignificativa do que apenas a descrição referencial. Segundo Camargo (1995) se entendermos essa como uma relação de coerência, então, abre-se para o ilustrador um amplo leque de possibilidades de convergência com o texto, que não limita a exploração da linguagem visual, mas, ao contrário, pode incentivá-la.

Sobre o livro ilustrado de literatura infantil: definições e técnicas

A partir das perspectivas discutidas anteriormente, assumimos que há um lugar demarcado para a ilustração no livro de literatura infantil, dessa constatação partimos para as observações em torno de outra constituição para esse objeto: o livro ilustrado e suas variações. Consideramos nesse entendimento que a existência da imagem exige a atenção deslocada de forma alternada para a regência das duas linguagens, ora para os elementos da perspectiva, cores, simetria e composição, ora para o texto, a gramática, as estruturas sintáticas e o enredo. O Livro Ilustrado divide a experiência entre esses conjuntos de elementos, no entanto, em suas variações há inúmeras possibilidades de apresentação da ação narrativa e a obrigatoriedade de conjugar o olhar para os elementos dispostos na página com imagem e texto. Os elementos da estrutura cromática, de volume, linhas e perspectiva precisam de uma leitura atenta e estratégica, da mesma forma, as estruturas sintáticas, morfológicas e de criação de efeitos devem ser levantadas. O livro ilustrado infantil contemporâneo apresenta ainda, as possibilidades de diferentes tratamentos e formatos, o que amplia as exigências de construção de sentidos propostas frente ao leitor. Para Linden (2011) a diagramação é elaborada em função da articulação entre texto e imagem, o que define e depende do suporte, do tamanho das imagens, além disso, devem também ser lidos nesse conjunto os formatos, as capas, guardas, folhas de rosto e páginas do miolo. Nesse sentido, há uma materialidade do livro como objeto que precisa ser considerada na produção do sentido.

As definições para o Livro Ilustrado, assim como vimos antes para o lugar da ilustração para o livro infantil, sofreram modificações significativas e amplas ao longo do caminho da Literatura Infantil. Inicialmente, temos em Nelly Novaes Coelho (1981) apresenta a ideia de álbum de figuras (ou livro de estampas) e sua dupla função: recreativa e pedagógica que facilita a elaboração mental que identifica a percepção visual e a palavras correspondentes. Em *Ilustração do livro infantil*



(1995) Luís Camargo define que no Livro ilustrado a imagem dialoga com o texto, ou seja, o princípio fundamental para o autor é o de elementos que se alternam na construção de um todo. Em seguida o autor delimita um pouco da história dessa categoria de livro infantil e apresenta a imagem da página de rosto de *A menina do narizinho arrebitado* – livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino. Camargo destaca as informações sobre o ilustrador, Voltonino, importante caricaturista de São Paulo na época da publicação, o projeto gráfico como um todo, com desenhos exclusivos por página, formato grande (29 cm x 21,7 cm), capa dura, ilustrações em preto, preto e verde, e outras variações. Camargo segue e cita ainda outras obras até chegar a *Flicts* (1069) de Ziraldo enfatizando que essa obra “está entre o livro de imagem, em que as imagens contam a história, e o livro ilustrado, em que o texto conta e as imagens ilustram”. (CAMARGO, 1995, p. 64).

Lúcia Pimentel Goés (1996) discute, por sua vez, que o Livro Ilustrado congrega uma leitura dupla e a consideração específica de uma interdependência entre linguagens, justificando que uma linguagem pode ampliar, contradizer e fazer contraponto lúdico à outra. Ainda no âmbito dessa discussão, Azevedo (1993) afirma que o Livro Ilustrado congrega três sistemas narrativos: o texto, a ilustração e o projeto gráfico que comparecem em graus variados de espaço e volume no livro.

Van der Linden em *Para ler o livro ilustrado* (2011) chama a atenção para a duplicidade terminológica entre Livro ilustrado, que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, podendo este estar ausente, e especifica que no Brasil esse seria o livro de imagem. Nesse percurso, temos as contribuições de Nikolajeva e Scott (2011) que expõem a diversidade de dinâmicas entre palavras e imagens no livro ilustrado e ampliam a discussão considerando em um espectro os livros que vão da presença do texto narrativo em contraponto ao texto não-narrativo e no eixo entre palavra e imagem. Do exposto fica a dificuldade de se nomear para além dessas definições as realizações do livro ilustrado dada a sua pluralidade de técnicas.

Sobre o livro-brinquedo, ou livro *pop up*, aqui entendido como livro que apresenta possibilidades interativas, Paiva (2011) reúne, a partir de nomenclaturas estrangeiras, várias denominações que se aproximam da ideia essencial de efeitos plásticos e visuais, possibilitando o jogo experiencial da leitura. Em um quadro síntese formulado a partir dos extremos **Livro e Brinquedo**, temos:



Quadro 1 - Categorias do Livro Interativo

LIVRO	
Livro-brinquedo	Função experiencial, além de um lugar de transição de uso, com elementos móveis, tecnologia gráfica, plasticidade editorial e itens sensoriais.
Livro <i>pop-up</i>	Dobraduras simples e janelas de leitura, segunda e terceira dimensão
<i>Toy book</i> ou <i>play book</i>	Livros com itens extras e presentes (personagens, envelopes, etc) cenários para jogos; livros que ensinam a fazer brinquedos
<i>Movable books</i>	Livros com projeção de planos de leitura em montagens intrincadas, movimento e <i>scanimation</i> e agregando as capas
<i>Livre jeu</i>	Tendência visual-conceitual, interesses em itens sensoriais, dinamicamente inventivo
BRINQUEDO	

Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Paiva (2011) discute a partir das características específicas destacadas acima a possibilidade de desenvolvimento de uma tipologia para distinção das relações estabelecidas entre texto e elementos móveis no livro infantil. A autora parte da consideração que essas seriam duas formas distintas de interação, que operam juntas na construção da comunicação e criam sentidos distintos a depender do grau de dificuldade que apresentem, e, assim, os sentidos do livro objeto de jogo seriam perceptíveis segundo as propostas de interação entre texto e itens de manipulação sensorial, tátil entre outras. Essa espécie de livro infantil se configura como potencializador dos conhecimentos didáticas e pedagógicas para as primeiras experimentações com o livro. As alterações promovidas no livro infantil interativo são responsáveis por uma alfabetização visual, no dizer de Dondis (1997):

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento “manual”, o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato como meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico – a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. (DONDIS, 1997, p.5)

É necessário atentar, nesse caso, para as potencialidades de construção de hipóteses, incentivo da autonomia e exploração de interações com o objeto, contrariando as práticas usuais do livro tradicional, que apresentavam restrições ao manuseio. O livro interativo, livro-brinquedo, *book toy*, transita entre dois universos o objeto livro, com uma prática cultura solitária e singular, pois cada indivíduo lê de uma forma única, e o objeto brinquedo que favorece uma prática interativa e socializada por

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



conter em si a proposta de ludicidade. Por ser um objeto híbrido, contem em si uma profusão de demandas para construção de significados, que tanto quanto o livro infantil ilustrado exige uma postura e uma atitude investigativa por parte do leitor.

Sobre estratégias de leitura e livro interativo

As definições sobre estratégias de leitura para o texto possuem arcabouço teórico nas observações de Girotto e Souza (2010) que determinam a literatura infantil como uma fonte de manifestação cultural, sobre a qual o leitor cria, recria e se apropria como elementos de imaginação e com recursos do conhecimento prévio adquirido. Segundo as autoras a possibilidade de construção entre textos em uma obra já se estabelece nos elementos paratextuais que são responsáveis por informações necessárias anteriormente para a leitura. No processamento da leitura as autoras consideram os movimentos de metacognição como o conhecimento sobre o processo de pensar, de forma imediata frase por frase, palavra por palavra e em um plano a longo prazo utiliza-se do conhecimento para compreender as estratégias que possibilitam o entendimento do que foi lido, percebendo como ocorre a construção de imagens, sintetizam ideais ou produzem inferências para organizar os dados e dentro dessas estratégias delimitam: conexões, inferências, visualização, questionamento, síntese e sumarização. A partir das considerações sobre os processos que ocorrem pré-leitura, durante a leitura e depois da leitura Girotto e Souza (2010) discutem como essas estratégias possibilitam a formação de leitores proficientes que se utilizam de associação de ideias para reconhecer a ideia principal da narrativa, atribuir sentido ao que é fundamental e construir e rever as informações levantadas na fase da pré-leitura.

As estratégias de leitura são modelos de compreensão utilizados para promover o procedimento de organização das informações, e alcançar a captação mais eficaz do que se lê. No entanto, não devem ser entendidas como um fim em si mesmo, na verdade, se organizam como meios de produção de compreensão leitora. Nesse sentido, estipula-se que os leitores são leitores estratégicos quando buscam conexões entre o conhecimento que já detém e o conhecimento novo; fazem perguntas ao texto; estabelecem inferências a todo o momento; visualizam e constroem imagens; distinguem idéias importantes e produzem sínteses e, por fim, faz o monitoramento adequado do entendimento produzido ao longo da leitura. (Girotto e Souza, 2010)



Para a produção de leitura dos livros estudados selecionamos a estratégia de síntese, que segundo Harvey e Goudvis (2008, apud Giroto e Souza, 2010), significa o processo que requer selecionar o que é mais importante e ressignificar as partes do texto com autoria, organizando os eventos na memória e atribuindo significados aos fatos. Segundo Giroto e Souza, (2010) quando os leitores se utilizam do processo de construção da síntese, resumem a “informação, ouvem a voz interior e ‘fundem’ o pensamento para que o texto faça sentido”. (p.104). Assim os leitores sintetizam quando utilizam dados extraídos do texto para atribuir significados, a partir dos seus conhecimentos prévios e produzem relações entre o que encontra no texto e esse conhecimento, na conclusão, tentando selecionar “fatos e ordenar eventos, parafrasear e escolher o que é mais importante” (Giroto e Souza, 2011, p.104) do que trata o texto e construindo suas conclusões a partir das informações encontradas ao longo da leitura.

As atividades desenvolvidas, a partir da estratégia da síntese podem ser concentradas em parafrasear para resumir o texto, recontar para resumir a informação e, ainda, resumir o conteúdo de um texto e marcar um posicionamento. Dessa forma, quanto mais informações adquiridas, maiores possibilidades de o leitor fazer o levantamento mais adequado de leitura e mobilizar um repertório de informações mais coerente com a ação narrativa que dispõe a história.

Entre portas e janelas: os elementos móveis no país das maravilhas

Como vimos, no livro interativo a dimensão lúdica funciona como o elemento resultante da manipulação e funcionamento de itens móveis garante o envolvimento do leitor de várias idades, sem dependência do texto escrito. A ampliação da dimensão lúdica também se atualiza pela experiência do leitor infantil, as sensações são vivenciadas pelas possibilidades plásticas constituintes do livro. Tomando por base, essa delimitação, e considerando como narrativa clássica analisaremos duas versões diferentes de *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carrol, (primeira edição 1865). O primeiro exemplar de *Alice no país das maravilhas*, uma publicação da Publifolhinha, de 2010, adaptado por Robert Sabuda e traduzido por Cynthia Costa, com dimensões de 26 cm de altura por 21 cm de largura, onze páginas, com profundidade de 3 cm, acabamento em capa dura e seis cenas em dobraduras e detalhes interativos em cada página.



Figura 1 – Alice adaptação da Publifolhinha



Fonte: elaborado pelas autoras (2017)

O texto dessa edição da Publifolha, assim com a edição da Ciranda Cultural apresenta um enredo similar e fiel ao original de Carrol, não se configurando como uma versão ampliada ou modificada. No entanto, os aspectos de resumo serão percebidos em alguns episódios. O segundo exemplar alvo de nossa análise é uma edição de *Alice no país das maravilhas*, com publicação da Ciranda Cultural, de 2010, com texto na versão de Harriet Castor e tradução de Fabio Teixeira, com dimensões de 29 cm de altura por 25 cm de largura, onze páginas, com profundidade de 2 cm, acabamento em capa dura e seis cenas em dobraduras e detalhes interativos em cada página.

Figura 2 – Alice versão da Ciranda Cultural



Fonte: elaborado pelas autoras (2017)

Entre imagens de páginas duplas, sem margens e sem fundo, a edições diferem ao estabelecer os recortes e possibilidades de leitura, mas através de jogos montados a partir de janelas e portas delimitam o olhar do leitor e



direcionam a leitura, coordenando a construção de sentido através dos elementos do projeto gráfico que compõem cada exemplar. Podemos perceber que os espaços das páginas e as ações da narrativa são coordenados, não há uma relação de contraponto, na verdade a similaridade entre o que se vê e o que se narra, favorece o jogo de uso das dobraduras e encaixes de cena, e o reconhecimento do leitor.

Figura 3 – Similitude entre cenas dos exemplares estudados



Fonte: elaborado pelas autoras (2017)

Os recursos de composição das cores constroem um aspecto diverso em cada edição, a edição da Publifolhinha é permeada por cores quentes e claras, a edição da Ciranda cultural confere tons de terra, e frios sugerindo uma narrativa mais lenta e aspectos mais sombrios aos acontecimentos da seqüência narrativa. Para fins desse artigo, retomaremos alguns aspectos de síntese propostos na figura três, considerando que se trata do final da narrativa e que a cena retoma a cena ilustrada no original de 1865 de autoria de Jonh Tenniel.

Figura 3 – Desenho de Jonh Tenniel



Fonte: Carroll, (2017)



Nos dois exemplares é possível tratar de estratégias de síntese quando destacamos, os elementos dos personagens das cartas, os pássaros, a Rainha de Copas, o coelho entre outros. Do ponto de vista da retomada do texto temos o seguinte diálogo final:

Todos olharam para Alice.

– Cortem a cabeça dela! – berrou a Rainha. Ninguém se mexeu.

– Quem liga para você? – disse Alice (...) – Vocês são apenas cartas de baralho! Nisso, as cartas voaram alto e foram caindo por cima dela. Ela deu um gritinho e tentou se livrar delas. (Sabuda, 2012)

– Cortem a cabeça dela! – gritou a Rainha o mais alto que podia. Ninguém se moveu.

– Quem se importa com você? – Alice falou – Vocês não são nada além de cartas de um baralho! Com isso, o baralho inteiro voou pelos ares e começou a cair em cima dela. (Castor, 2010)

Segundo a proposta interativa podemos direcionar o olhar para acompanhar a construção da cena pelas dobraduras. Os elementos plásticos nos ajudam a seguir a combinação dessas linguagens, no caso do texto substituem e condensam toda a cena, criando similitude e sintetizando os acontecimentos da cena. No caso da imagem temos: o tipo de impressão, frente e verso, nas duas versões, composição da cena figura/fundo e a linha guia de leitura visual, tipos de contorno, perspectiva, técnica utilizada, relação forma e fundo, gênero e origem de luz utilizados, esquema tonal utilizado, contraste de cores, tipos de sombra, sentimento que lhe desperta a ilustração. Desses elementos, respeitando a proposta do projeto gráfico para a obra de Carroll, destacamos uma atividade para organizar a estratégia de síntese no quadro abaixo, que deve ser preenchido considerando na mediação de leitura: os efeitos sintetizadores imprimido a cena; a dinamicidade da luta dramatizada, a origem do foco de luz, tipos de sombra, linha guia de leitura, e sentimento despertado pelas imagens como resultado da leitura empreendida.

Quadro 1 – QUADRO SÍNTESE

		
EFEITO DA DOBRADURA		
RECURSOS		
SÍNTESE DO TEXTO		

Fonte: elaborado pelas autoras (2017).



Na mediação de leitura dos livros interativos é importante destacar a perspectiva dinâmica, a modulação da visão do leitor, favorecida pela impressão em dupla face, de todos os ângulos dos acontecimentos, de fora para dentro da casa e da esquerda para a direita, e de cima para baixo. Com relação ao uso da luz e tipos de sombra, há uma variação que condiz com o andamento da narrativa. Na versão da Publifolhinha a linha do olhar é traçada na altura do livro, e com uma perspectiva próxima, com poucos elementos de fundo, quase sem contrastes. Na versão da Ciranda Cultural o olhar é direcionado de cima para baixo, quase em duas dimensões, o que é minimizado pelo contraste de cores e figura fundo, produzindo uma perspectiva dos cantos e lados do alto e de baixo da página e reforçando a proposta de dinamicidade dos espaços.

Sobre resultados

Os resultados da leitura mostram que os elementos gráficos dispostos no livro interativo constroem significados abertos a investigação do leitor, no entanto, só podem ser relacionados na medida em que sejam considerados em conjunto e percebidos como construtores de sentidos, e não apenas como apoio ao texto da narrativa. É com base nesse entendimento que defendemos a necessidade de ler todos os elementos que constroem as imagens, no caso específico do livro interativo como um recurso para construção de sentido, como elemento primordial e não como acessório na concretização da leitura do livro brinquedo de literatura infantil. Pois, a proposta de jogar com os cortes e dobraduras não é um todo simples e direto, guarda especificidades e necessita da articulação coerente das imagens e de elementos coesivos para suportar a finalidade de transmitir e comunicar dado enredo ou ideia metaforizada.

As possibilidades de mudança de perspectiva e o contraste sintetizado das imagens das cenas construídas revelam muitas abordagens para o mediador. O livro com dobraduras favorece ainda a leitura compartilhada e a aproximação com o texto na medida em que há uma comparação entre as edições lidas. O jogo com o livro objeto também deve ser entendido como uma das possibilidades de aproximar o leitor da leitura dos clássicos, mas, deve-se atentar para as afirmações de Paiva (2010) e delimitar as possíveis falhas do livro que exagera na espetacularização dos elementos gráficos e tecnológicos. Pois, nesse caso, não há o favorecimento de uma leitura que acompanha o enredo e favorece os questionamentos por parte do leitor.



Referências

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas*. Petrópolis: Vozes/ Natal: EDURFRN, 1997.

CADERMATORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006

CAMARGO, Luis. *A ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

CASTOR, Herriet. [versão] CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad Fabio Teixeira. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

GIROTTO, Cyntia Graziela G. Simões e SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira et al. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1991.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, Maria. SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui de. *Nos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PAIVA, Ana Paula e CARVALHO, Amanda Carla Minca. Livro-brinquedo, muito prazer. In: SOUZA, Renata Junqueira de, FEBA, Berta Lúcia Tagliari. (org) *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

RAMOS, Flávia B. e PANOZZO, Neiva S.P. Entre a ilustração e a palavra: buscando pontos de ancoragem. Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid, 2004. In: http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/ima_infa.html. Acesso em 23 de novembro de 2016.

SABUDA, Robert. [adaptação] CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Trad Cynthia Costa. São Paulo: Publifolhinha, 2012.

TAVARES, Márcia. Brincar com palavras e imagens In: PINHEIRO, Hélder. (org) *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.